



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

OLGA VALÉRIA KROEFF ECHART

(depoimento)

2004

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-50

Entrevistado: Olga Valéria Kroeff Echart

Nascimento: 28/04/1917

Local da entrevista: Residência da entrevistada – Porto Alegre/RS

Entrevistadores: Karine Dalsin e Giovani Frizzo

Data da entrevista: 12/01/2004

Transcrição: Karine Dalsin

Conferência Fidelidade: Giovani Frizzo

Copidesque: Johanna Coelho von Mühlen/Silvana Vilodre Goellner

Pesquisa: Giovanni Frizzo

Fitas: (02 fitas) 50/01-A, 50/01-B e 50/02-A

Total de gravação: 85 minutos

Páginas Digitadas: 28

Catalogação: Vera Maria Sperangio Rangel

Número de registro: 01125/2005/01

Nº da fita: 01125/2005/01 a e b

Observações:

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que textual e que a fonte seja mencionada conforme especificação abaixo.

ECHART, Olga Valéria Kroeff. *Olga Echart (depoimento, 2004)*. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE – ESEF/UFRGS, 2005.

Sumário

Histórico sobre a primeira turma da ESEF em 1939, professores do período; participação nos desportos de vôlei, basquete e atletismo; currículo do primeiro curso de Educação Física da ESEF; campeonatos de vôlei que disputou; visão sobre o processo de Federalização da Escola; participação do Diretório Acadêmico, no cotidiano da escola.

Porto Alegre, 12 de janeiro de 2004. Entrevista com Olga Echart, a cargo dos entrevistadores Karine Dalsin e Giovanni Frizzo para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

K.D. – Olga, eu gostaria que a senhora começasse nos falando um pouco da sua infância e como começou a praticar esporte.

O.E. – Olha eu tirei o normal no Colégio Santa Catarina¹ e fui trabalhar depois de diplomada na Escola Ildfonso Pinto² em Campo Bom³. Quando cheguei lá, não tinha professor de educação física, eles queriam fazer uma homenagem e não sei o quê, e como eu gostava muito de danças folclóricas, atividades físicas e eu gostava muito de excursões, eu gostava muito de jogar tênis, que eu era exímia jogadora de tênis naquela época, então o diretor mandou que eu preparasse as turmas, principalmente as turmas de quarta e quinta series, para uma apresentação e eu fiz uma bonita apresentação com todos os alunos. E, estava presente o Coelho de Souza⁴, quando ele viu toda essa apresentação, mandou me chamar para tirar Escola de Educação Física⁵ [emoção], então, eu estou na Escola... Entrei na Escola de Educação Física em 1940 já para... Em abril, eu acho que era abril ou maio, já era maio quando eu entrei, então eu peguei atrasada tudo, tive que recuperar todas as matérias, aquelas coisas. Mas fui muito bem atendida pelo diretor [emoção]. Aí, me salientei na parte de atletismo, de atividades individuais, e comecei a trabalhar com o Olavo Amaro da Silveira na parte de atletismo, principalmente em arremesso. Dali me formei em fevereiro de 1941 e já fui convocada pelo Olavo Amaro da Silveira para trabalhar na Escola de Educação Física como professora. Então, eu estou trabalhando, trabalhei na escola de educação física desde 1941 até me aposentar, quando entrei na Escola não lecionava voleibol, uma colega minha, Iula Green Hervé⁶ que dava voleibol, depois que nós estávamos na Escola ela foi transferida em diversos locais, ACM⁷ e Esporte Clube Cruzeiro⁸. No Esporte Clube Cruzeiro quem era diretor era o militar Joares

¹ Escola localizada em Novo Hamburgo-RS

² Escola Estadual de 1º Grau Ildfonso Pinto.

³ Cidade do Estado do Rio Grande do Sul

⁴ José Pedro Coelho de Souza, Secretário de Educação do Estado do Rio Grande do Sul em 1939.

⁵ ESEF da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

⁶ Iula Maria Green Hervé, professora de Basquetebol, em 1942

⁷ Associação Cristã de Moços, fundada em Porto Alegre, no dia 26 de novembro de 1901.

⁸ Esporte Clube Cruzeiro, fundado em 1913.

Teixeira⁹, não, não era Joares..., não me lembro, era um militar que nós, após as aulas de educação física nos reuníamos no pavilhão e jogávamos voleibol. Todos jogavam voleibol e, nessa época, eu como não conhecia muito voleibol - só tinha tirado voleibol e participei bem no curso - não me salientei, não no voleibol. Mas, na Escola de Educação Física, depois, eu me salientei muito no voleibol, e o Joares Teixeira, então pediu que eu me transferisse de arremesso, trocando Iula e eu. E eu fiquei com voleibol na Escola Superior de Educação Física e a Iula ficou com educação física. Cada uma ali se salientou na sua modalidade, a Iula foi uma ótima professora de educação física e eu continuei com voleibol até me aposentar. Então, ali no voleibol, naquela época já, nós jogávamos em dupla, não tinha esta dupla que tem atualmente, a dupla de voleibol de praia. Nós, naquela época, já jogávamos de dupla na Escola de Educação Física, e eu me salientei tanto nestas duplas que quando vinha o professor do Rio de Janeiro¹⁰, o professor... Eu me lembrava dele, este que publicou todos os livros, eu acho que é o doutor Jacinto, não, Inezil Penna Marinho¹¹. Ele vinha para Porto Alegre¹² para inspeção ou qualquer coisa assim, ele parece que trabalhava no MEC¹³, nós jogávamos e eu e ele fazíamos a nossa dupla, sempre ele jogou comigo. Nós fazíamos a dupla e ele adorava, ele ia para a Escola só para nos reunirmos e jogarmos as duplas de voleibol. Naquela época, já jogávamos duplas, não sei precisar bem a época, eu acho que era em 72, 73, mas não me lembro bem a época. Assim que eu comecei o voleibol, são estas as principais que eu posso salientar nessa época toda, porque eu comecei na Escola de Educação Física a lecionar o voleibol, como é que eu vou te dizer, participava também do voleibol em clubes, mas eu me salientava mais em tudo antes como antes... Eu gostava mais mesmo era do tênis, isso eu tinha paixão e jogava até aqui em Porto Alegre, no Excursionista¹⁴, no Leopoldina Juvenil¹⁵. Eu fui campeã de tênis também. Esta é a fase inicial de minha vida, não sei se correspondi ou não. O que mais?

K.D. – E o tênis, como é que a senhora começou a jogar tênis?

⁹ Nome sujeito à confirmação.

¹⁰ Cidade Brasileira

¹¹ Professor de História da Educação Física, publicou seu primeiro trabalho em 1940.

¹² Capital do Estado do Rio Grande do Sul

¹³ Ministério da Educação.

¹⁴ Clube Excursionista e Esportivo, hoje, Departamento Esportivo do Clube do Comércio.

¹⁵ Associação Leopoldina Juvenil - Clube Recreio Juvenil, fundado em 1863. Em 1941 funde-se a Sociedade Leopoldina Porto-Alegre formando a Associação Leopoldina Juvenil.

O.E. – O tênis eu comecei a jogar quando eu morava, eu já era formada e trabalhava em Campo Bom e morava com uma irmã, cujo marido, era prefeito de Novo Hamburgo¹⁶, o Dom Cavalcante¹⁷, e ele morava em Hamburgo Velho¹⁸ e tinha sociedade de tênis lá e a turma toda se reunia com meu cunhado, aquela coisa toda: “porque que a Olguinha não joga? O que tem a Olguinha? Ela tem um corpo maravilhoso ela é muito esportiva” essa coisa toda e me levaram lá para o tênis, amigos. E eu comecei a jogar com uma amiga chamada Toni Scherer¹⁹, nós duas jogávamos. Ela já era campeã lá do tênis e me chamou, comecei a jogar com eles e me salientei tanto que um dia que teve uma competição entre nós e eu venci a Toni, fiquei campeã, esta tacinha aqui que vocês estão vendo²⁰. [emoção]

K.D. – E a tua família apoiava?

O.E. – Apoiava. Eu fui a única das minhas irmãs - nós somos seis irmãs e três irmãos, eu sou a mais moça das irmãs. Todas as outras eram esportistas porque meu pai era fazendeiro em São Francisco de Paula²¹ onde eu nasci, eu sou lá de Serrana; lá em São Francisco de Paula, e, naquela época, todas gostavam de andar a cavalo, todas as minhas irmãs era desportistas, mas não freqüentavam clubes como eu tive a facilidade de freqüentar. Então, assim começou e todas elas se entusiasmaram porque como é que eu vou te dizer [emoção] isso me deixa comovida... Eu era a mais moça e muito querida por minhas irmãs até hoje, atualmente sou viva eu e uma outra irmã minha de 93 anos... Então, foi isso que aconteceu na vida.

K.D. – A senhora teve acesso a clubes?

O.E. – Eu freqüentei clubes por intermédio do meu cunhado e das minhas irmãs... Espera que eu vou pegar um lenço, eu estou chorando.

[INTERRUPÇÃO DE FITA]

¹⁶ Cidade do Estado do Rio Grande do Sul

¹⁷ Nome sujeito a confirmação

¹⁸ Bairro da cidade de Novo Hamburgo

¹⁹ Nome sujeito à confirmação.

²⁰ Nesse momento, a entrevistada mostra um troféu.

K.D. – Então me fale um pouquinho dos clubes que tu frequentaste...

O.E. – Depois da Escola de Educação Física, eu comecei a jogar no clube Farrapos²², porque na Escola de Educação Física... Quase todos eram militares, meu marido também, o Waldir Echart²³ também, os outros também era militares o Olavo Amaro da Silveira era militar, o Frank²⁴, quase todos a não ser o Gaelzer²⁵, doutor Poli²⁶ e os outros professores não eram, mas a maioria, a maioria era militar. E eles jogavam no Farrapos. Eu, então, participei do Farrapos também. Junto comigo jogava voleibol também uma professora da Escola de Educação Física que foi a minha levantadora, naquela época, nós jogávamos voleibol ainda com, como é que se diz, com levantador e cortador, atualmente tem um levantador, ala muito grande, um homem muito grande... Mas eu tinha uma colega que era levantadora, a Lisarb Frota Vasconcelos, era também professora da Escola, era professora de corridas. Mas nós, as duas, no atletismo nos salientamos também, porque tanto num como no outro nós nos salientamos, a Lisarb e eu. Eu no atletismo, na parte de arremesso e ela na parte de corridas. Além disso, nós jogávamos voleibol. Tinha isso era uma grande... A Lisarb tem muitos campeonatos de corrida e do voleibol. Então, além disso, eu joguei também tênis... Voleibol na SOGIPA²⁷ e... Não joguei especificamente, porque, depois, durante um certo período, quando eu já era professora de didática específica dos estagiários, eu fiquei dez anos. Deixei o voleibol e fiquei com didática. Quem me substituiu na minha cadeira foi a Tânia Sirangelo, no voleibol da Escola. Eu também comecei a lecionar voleibol, houve uma época em que a Educação Física, na universidade, era obrigatória, então os professores, os alunos da universidade de diversas cadeiras ou disciplinas eles vinham, escolhiam voleibol e nós éramos professores da Escola. Então, eu dava voleibol para a universidade na SOGIPA durante uns cinco ou seis anos, era professora de voleibol. Mas, além de eu dar o voleibol, eu era na escola professora de didática específica dos estagiários, quer dizer eu rondei bastante nisso aí.

²¹ Cidade do Estado do Rio Grande do Sul

²² Clube Farrapos dos Oficiais da Brigada Militar, fundado em 20 de março de 1944.

²³ Waldir Calvet Echart, professor das disciplinas de História da Educação Física, Desportos terrestres e coletivos e Desporto de Ataque e Defesa, em 1939.

²⁴ Referindo-se ao prof. Max Herbert Hanke

²⁵ Frederico Guilherme Gaelzer, professor de Desportos Aquáticos, em 1939.

²⁶ Poli Marcelino Espírito, professor de Higiene Aplicada, em 1939.

²⁷ Sociedade de Ginástica Porto Alegre - Fundada como Deutscher Turnverein (Sociedade Alemã de Ginástica) em 1867. Passa a se chamar Sociedade de Ginástica Porto Alegre em 1942.

K.D. – E o atletismo a senhora aprendeu aonde? Na Escola também?

O.E. – Na escola também, porque antes eu nem sabia o que era atletismo. Antes de frequentar a Escola, eu era jogadora de tênis, nada mais, corria, arremessava, fazia estas coisas, mas não tinha habilidade, não tinha conhecimento, eu fazia as coisas, mas não tinha conhecimento de nada. Eu só comecei a ter conhecimento de Educação Física específico, generalizando em todos os sentidos, tanto como desporto coletivo ou individuais e a Educação Física - diversos métodos de Educação Física - na Escola de Educação Física, antes eu não tinha conhecimento. Eu tinha simplesmente conhecimento que eu aprendi na escola normal, quando a Educação Física era uma parte. Como eu iria lecionar só no primário, era a parte recreativa e eu tinha capacidade recreativa, mas não de conhecimento de atividades, nós éramos re... Joguinhos. Eu me baseiei muito no livro do Hugo Muckfel²⁸ de recreação. Depois, ele era meu colega, tirou o curso de educação física comigo.

K.D. – Eu ia lhe perguntar...

O.E. – Sim!

K.D. – Se a senhora lembra mais ou menos como era o currículo da ESEF, na época, que modalidades esportivas?

O.E. – Durante 1940 e 41, quando eu comecei a trabalhar na Escola Superior de Educação Física, o currículo era esportes terrestres e coletivos, então, nos esportes terrestres era, principalmente, os individuais e coletivos. Os individuais eram os arremessos, lançamento, corrida, saltos, e agora eu não me lembro bem, porque houve uma polémica se o tênis ia ficar na parte individual ou coletiva. Os esportes coletivos eram o vôlei, basquete, futebol, handebol e tinha outros joguinhos, mas só a título de ilustração, como aqueles jogos, pólo, aquele jogo “rugby”, aquele outro o jogo que se joga com o taco, como é?

G.F. – Basebol?

O.E. – Como é?

G.F. – Basebol?

O.E. – Basebol, esse aí, mas não eram tantos como atualmente, tem uma variedade muito grande... Natação, por exemplo, a natação também fazia parte: tinha a natação de clubes, a natação individual de competição e com diversos estilos de natação. Cada um tinha o seu programa, seu planejamento, todos eles tinham. E aí, depois, tinha ginástica, tinha a parte rítmica, de ginástica geral e ginástica rítmica. Na Escola de Educação Física tinha a recreação, a recreação era muito importante porque, naquela época, ainda na Escola de Educação Física tinha o curso superior e o infantil. O curso infantil não era o curso da Escola, era normal, para professores, todas as escolas normais, não era curso Superior de Educação Física, tinha este curso ainda, lá nós tínhamos este curso. Como é que eles dizem? O curso das escolas primárias de Porto Alegre. E, este curso, a Educação Física lá era mais recreativa, mas com conhecimento de métodos de trabalho e foi muito, por exemplo... Eu lecionei - vamos dizer eu me formei em 41, 40, 52 - até 65 nas escolas normais de Educação Física, na escola normal do Colégio Santa Catarina em Hamburgo Velho e na Fundação Evangélica, e a tarde eu trabalhava na Secretaria de Educação e era coordenadora das escolas normais do Estado, na parte de educação física, durante dez anos.

G.F. – As aulas práticas na ESEF eram mistas? Homem e mulher?

O.E. – Não, não eram mistas. Tinha a parte feminina e a parte masculina. Eu era voleibol da parte feminina. Agora, nós da banca examinadora, fazíamos parte de tudo, a banca examinadora que era meu marido, eu e, geralmente, a Nilza Endress Vianna. Nilza também era uma jogadora de basquete, mas ela era sempre da nossa turma para jogar voleibol na Escola.

K.D – O que era a banca examinadora?

O.E. – A banca examinadora, por exemplo: todos os meses ou semestres o professor catedrático... Eu era assistente, depois, eu fiquei adjunta e eu fiquei catedrática... O catedrático era Waldir Echart, dos esportes terrestres coletivos, os professores se reuniam para fazer uma prova com os alunos, tanto masculinos como femininos, sobre o semestre.

²⁸ Nome sujeito à confirmação.

Não era prova cada mês, cada mês era cada professor que dava, mas tinha uma prova que participava o catedrático da escola.

G.F. – Prova prática?

O.E. – Eram práticas, práticas e teóricas, nós fazíamos prática e teórica, o professor demonstrava ao aluno tudo que nós pedíamos e também havia uma parte oral, que nós falávamos sobre regras, táticas, esta parte toda. Principalmente, porque, além disso, eu ainda dei curso de especialização de treinamento de educação física na ESEF à noite para professores titulares de voleibol, esta parte também foi minha, mas depois que meu marido, se aposentou.

K.D. – Das disciplinas teóricas que tinham na ESEF... A maioria do currículo era prático?

O.E. – A maioria era práticas, as teóricas eram a natação, não, a anatomia, cinesiologia, biologia, psicologia, metodologia do ensino, didática específica, que eu comecei a trabalhar na Faculdade de Educação, o que mais? Me ajudem vocês! O que vocês estão...

K.D. – Fisiologia talvez?

O.E. – Fisiologia também, porque anatomia e fisiologia as duas estão muito unidas, cinesiologia, psicologia - doutor Amadeu²⁹, higiene aplicada, socorros de urgência, tem mais o quê? O que tem mais agora? Eu acho que eu estou me lembrando um pouquinho [riso].

K.D. – Não, está ótimo. [risos]

O.E. – Acho que era isso aí, não sei se tinha mais uma.

G.F. – A recreação também?

²⁹ Dr. Amadeu Favieiro, professor da disciplina de Psicologia Aplicada, em 1942

O.E. – Tinha, recreação era fundamental, Fandila Reginatto³⁰ era professora, não, a Lenea Gaelzer³¹, primeiro foi a Lenea Gaelzer e Fandila Reginatto.

K.D. – Qual era a influência que os militares tinham na Escola de Educação Física?

O.E. – Eles eram mandados pela Brigada Militar. Por exemplo, meu marido, Waldir Echart, era da Brigada Militar aqui de Porto Alegre e ele foi requisitado para tirar o curso de Educação Física na faculdade, lá no Rio de Janeiro na Escola Nacional de Educação Física. Então, a maioria dos professores de Educação Física do Rio Grande do Sul, naquela época, eram militares porque eles eram mandados a tirar o curso de Educação Física no Rio. Foram poucos professores leigos que freqüentaram a Escola de Educação Física, por exemplo, o professor Gaelzer, Ruy Gaspar Martins de cinesiologia, era militar, o Bezerra³² de biometria... Eu fui trabalhar no gabinete médico do doutor Ademar Torelli³³ e, de manhã, antes de entrar na Secretaria de Educação... Quando eu ainda estava lá, eu era requisitada porque eu tinha nomeação primária, então, por esta nomeação eu trabalhava na Divisão de Educação Física na parte de biometria. A tabela signatária do esqueleto humano fui eu que fiz. Botou-me elogios o doutor Arno Tschiedel³⁴, ele aproveitou muito a tabela, estava lá ela, fiz quando eu trabalhava lá, eu tinha muita facilidade para matemática. Bem não sei se...

K.D. – Claro que interessa, todos estes depoimentos são muito interessantes. Mais uma questão...

O.E. – Sim.

K.D. – A participação das mulheres na escola, tanto como professoras, como alunas, tinham bastante mulheres na Escola de Educação Física?

³⁰ Nome sujeito a confirmação

³¹ Professora de Recreação em 1942.

³² Raymundo Bezerra de Menezes, professor de Biometria em 1939.

³³ Professor de Anatomia e Fisiologia Humana, em 1939.

³⁴ Diretor interino da ESEF em 1953-1954.

O.E. – Na minha época, quando eu saí, depois que me aposentei, geralmente era maior o número de mulheres, mas eu não vou dizer se era muito... Quando eu tirei a Escola de Educação Física, em 1940, nós éramos cinco turmas de mulheres e quatro turmas masculinas, eu acho. E, sempre foi assim, nunca mulher menos, não sei como é atual, não sei, está parelho também, né! Porque não tenho tido muito contato com a Escola de Educação Física. Era tudo individual, tinha professores de Educação Física, masculino e professores de Educação Física feminino em todas as atividades, tanto desportos como educação física, cada um com... Muito raro, a não ser as matérias teóricas, aí eram todos juntos, não tinha divisão de categorias.

K.D. – Em geral, eram os professores homens que tinham vínculo com o Exército, com carreira militar?

O.E. – Tinham muitos, muitos, não sei se atualmente tem muito militar, tirando Educação Física, não né! Naquela época predominava a parte militar.

K.D. – Mas as mulheres não tinham vínculo?

O.E. – Não tinha vínculo nenhum, era muito raro. Muitas delas casaram com militares, como eu. Eu fui uma, meu marido era da Brigada, aí ele optou, ficou como professor de Educação Física e ele trabalhava na Escola de Educação Física e no Colégio Julio de Castilhos³⁵. Por exemplo, até hoje, quando eu, às vezes, vou em um médico ou vou freqüentar qualquer outra coisa: O que a senhora é do Waldir Echart? Digo: Por quê? Porque ele foi meu professor no Júlio [riso]. Eu digo que ele foi meu marido. No Júlio de Castilhos ele foi professor de Educação Física, então, a maioria me pergunta o que eu era de Waldir Echart? Porque só por causa disso... Ele era tanto como da Escola de Educação Física, mas no Júlio de Castilhos...

K.D. – Ele contribuiu bastante para a prática de esportes no Rio Grande do Sul.

O.E. – Muito, meu marido foi tudo: ele foi presidente das federações de voleibol, de basquetebol. Ele foi, como é que eu vou te dizer, ele fazia parte dos juizes...

G.F. – Arbitragens?

O.E. – Das arbitragens, ele foi diretor das arbitragens. Ele foi presidente, diretor da Federação Gaúcha de Futebol, era ele que escalava os juizes. Eu me lembro que passava um trabalho louco, aquelas entrevistas todas, na minha casa, todo dia, o meu telefone não parava quieto, eu ficava furiosa porque ele não tinha liberdade para nada, porque qualquer escala de juiz, telefonavam para saber isso, telefonavam para saber aquilo. Às vezes, até eu dizia para ele não atender, quando a gente via, estava na frente na porta da casa, aqueles entrevistadores, aquelas coisas todas, nem perguntavam se podiam, já estavam lá na porta da casa. Isso, foi durante muito tempo, ele e o Nestor Ludwig³⁶, os dois sempre trabalharam juntos na Federação Gaúcha de Futebol.

K.D. – Ele apoiava a senhora para praticar esportes?

O.E. – Apoiava, sempre me apoiou, isso ele nunca disse onde eu podia ir, tanto eu, como ele, neste ponto, cada um respeitava a sua... Muito apoio eu tive dele, e foi meu professor! Foi meu professor, principalmente de basquete e eu não me salientei em basquete, não era nem um pouquinho saliente, ele era todo do basquete e durante a... 1940 ele foi professor de futebol, basquete, e ele era diretor do Departamento de Desportos Coletivos, depois que ele faleceu, aí sim que eu peguei, não sei mais o que eu posso falar?

K.D. – Eu ia lhe perguntar: por que não era muito comum, as moças praticarem esportes?

O.E. – Sim! Naquela época, não era, mas já havia, como é que eu vou dizer, um interesse muito grande na sociedade. Quando eu vim para Porto Alegre, eu fiquei na casa de um tio meu, que morava ali na Tomas Flores³⁷, e este meu tio, ele era presidente do Tênis Clube da Leopoldina, só que era lá em Teresópolis. Então, eu disse para ele: Lá em Novo Hamburgo eu jogava tênis, eu estava tirando o curso, eu quero jogar tênis, aonde é? Eu te levo lá para o Leopoldina. Então, naquela época, já havia muitas moças praticando tênis. Eu me lembro de Santa Maria, que eu fui jogar, de Cachoeira, eu jogava em Novo Hamburgo, em todo lugar eu ia nas excursões e tinha aquela quantidade de moças jogando.

³⁵ Tradicional Escola Estadual de Porto Alegre.

³⁶ Ex-dirigente do Departamento de Arbitragem de Futebol do Rio Grande do Sul.

A natação, não era muito, não havia aquela quantidade de piscinas que tem hoje, mas tênis havia, não tinha jogos de voleibol, eu não me lembro de voleibol antes de 40. Nem basquete, muito pouco, eu acho que talvez a SOGIPA tinha, depois quando eu comecei voleibol também...

[FINAL DA FITA 50/01- A]

O.E. – Em 74, eu estava lá com eles, como eu disse que eu sempre estava com as minhas irmãs para lá e para cá porque eu era requisitada por todas, eu tinha que passar um mês na casa de uma, outro mês na casa de outra. Eu devia ser uma pessoa, como é que eu vou dizer para ti, muito cheia de manhas, muito bobinha, mas graças a Deus eu acho que eu não fiquei, porque eu fiquei muito mimada, fui a mais moça de nós, eu tive a minha independência. Só o meu cunhado, este um dia chegou para mim e - meu pai faleceu em 34, em 6 de dezembro de 34 - ele chegou para mim, depois disse assim: “Suzana atende aqui o telefone” [fala com outra pessoa].

[INTERRUPÇÃO DE FITA]

O.E. - O meu cunhado chegou para mim, o Dom Cavalcante, e disse: “Escuta filha tu vais querer ser dependente das tuas irmãs?” Porque todas elas tinham casado, eu era a única solteira, eu disse jamais, eu vou procurar a minha independência. Ele disse então vamos começar a estudar hoje. E eu comecei a estudar em dezembro, fui procurar o prospecto em Novo Hamburgo, na escola normal, fiz o vestibular, passei em primeiro lugar e me formei normalista, após três anos, quando começou o meu trabalho na escola. Quer dizer, não fiquei dependente de ninguém, graças a Deus, de todas as minhas irmãs, a única que trabalhou fora fui eu, as outras todas casaram, foram mães de família, muito queridas, mas eu tive a minha independência [emoção].

K.D. – A senhora conheceu o seu marido na Escola de Educação Física?

O.E. – Quando eu tirei o curso de Educação Física, ele foi meu professor e, não sei, nós nos conhecemos... Eu comecei a lecionar em 41, lá em 44 contratei casamento com ele,

³⁷ Rua de Porto Alegre, localizada no Bairro Bom Fim

briguei em 46, ele foi para um lado eu fui para outro. E, em 65 casamos [riso] depois de tanto... Ele namorou para um lado, eu namorei para o outro, cada um teve a sua independência, eu sempre fui independente, ele também. Depois, quando nos casamos, achamos que um tinha que respeitar o outro nesta sua independência. Tivemos um casamento bem feliz.

K.D. – Eu ouço histórias de mulheres que praticavam alguma atividade física, algum esporte e aí quando casavam...

O.E. – Tinham que abandonar, né! Não eu não tive que abandonar. Eu não precisei abandonar nada. Continuei o meu trabalho, continuei minha Escola de Educação Física, meu marido ficou doente, veio a falecer, mas eu continuei meu trabalho.

K.D. – A senhora acompanhou o processo de federalização da Escola de Educação Física?

O.E. – Acompanhei, foi na minha época a federalização da Escola, meu marido já estava aposentado, então ele ficou só como professor de Educação Física estadual, eu atualmente sou federalizada.

K.D. – E como foi este processo?

O.E. – Agora, este processo foi casualmente também... Quem fez toda, como é que eu vou te dizer... Eu não participei muito do processo de federalização, eu assisti meu marido organizando todos os papéis necessários para mandar para o MEC, com o auxílio do professor Joares Teixeira, do Olavo Amaro da Silveira, professor... Outro professor que contribuiu muito, não me lembro... Nós tínhamos o professor Gaelzer também. Mas, eu me lembro, que quem trabalhou muito nesta fase foi meu marido, que já tinha organizado todos os papéis, junto com os professores que estavam naquela época na Escola de Educação Física, eu não me lembro todos, eu só sei que precisava fazer, organizar. Nós tínhamos que mandar todos os planos de trabalho, os currículos dos professores, todos professores já registrados no MEC, como é que eu vou te dizer, mais para conter a federalização! E, eu não me lembro bem a época da federalização, não me lembro, isso... Meu marido já não... Deve ser ali por... Porque é... Não me lembro bem a época que foi

federalizado, então cada um de nós tinha que... Aí, entramos de fato na... Quem estava na época da federalização foi o professor Fredolino Taube³⁸, ele me lembro, que com ele eu fui diversas vezes, na universidade para participarmos das reuniões que faziam com as carreiras de diversas disciplinas. E, quem mais? Não me lembro, Fredolino Taube era o... Agora, o Cleomar³⁹, também tenho impressão, que o professor Cleomar começou depois a trabalhar, ele fazia parte da comissão de carreira. Quem fazia parte da comissão de carreira era Diva Santiago⁴⁰, era a Ligia Junqueira⁴¹, eu não fiz parte da comissão de carreira, eu fiquei com... Eu tinha um plano, porque na Escola de Educação Física, são três planos, três ou quatro planos, eu estava no primeiro plano e eu entrei como catedrática com número de quarenta e oito horas, essa coisa toda, porque tinha de vinte e quatro, de quarenta e oito e eu fiquei com todos os planos até no final. Tinha o “hall” dos trabalhos todos, quer dizer, todos os professores, daquela época, foram legalizados bem direitinho dentro das suas atividades. Agora, atualmente, eu não sei como é, há uma divisão bastante grande, porque lá na minha época, logo no começo, antes da federalização, os professores de matérias práticas eles davam aula na própria Escola de Educação Física e, atualmente, já é na universidade, com outras disciplinas! Vocês... Professor de fisiologia lá da Escola ele vai lá na universidade... Na época que estão tirando aquela cadeira, naquela época, comigo, não, eles vinham para a escola, agora não. Quando já a federalização, começou esta mudança toda. Foi a principal mudança que aconteceu, mas, no mais, continuou... Depois que me aposentei, não fui mais, não continuei. Desde 2000, que eu não tenho contato, a única coisa que eu faço, atualmente, é caminhar, como, por exemplo, hoje de manhã. Eu sou obrigada a caminhar porque em novembro eu tive um probleminha cardíaco, eu precisei fazer um cateterismo e aplicar uma angioplastia, me botaram uma coisinha aqui no coração para não fazer implante e eu estou me cuidando, estou bem.

G.F. – Na época, existiam discussões políticas, abertura...

O.E. – Tinham muitas discussões políticas e os alunos da escola de Educação Física, por exemplo - não sei se atualmente vocês fazem isso... Tinha, na época de eleições, o presidente de um, depois vinha o presidente dos outros, uns pertenciam a uns, os outros

³⁸ Fredolino Adalberto Ricardo Taube, diretor da ESEF, em 1970

³⁹ Cleomar Antonio Pereira Lima

⁴⁰ Diva Santiago Corrêa

⁴¹ Nome sujeito a confirmação

pertenciam... Quer dizer, esta discussão... Todos os nossos professores e os alunos perguntavam para a gente... Nós participávamos de tudo com os alunos, na minha época foi assim. “Dona Olguinha, vem cá por favor, nós queremos perguntar sobre isso, sobre aquilo, o que a senhora me orienta”. Eles pediam muito a nossa orientação, não sei se atualmente é assim.

G.F. – Mesmo antes da ditadura?

O.E. – Principalmente durante a ditadura, eles sempre... Os alunos todos eram... Eu não sei se nós professores éramos mais, como é, não sei se atualmente eles são muito chegados aos alunos? Eu, por exemplo, era uma professora que tinha paixão pelos meus alunos, não sei se atualmente é assim...

K.D. – Alguns...

O.E. – Eu sempre, graças a Deus, sempre fui homenageada. Muitas vezes, muitas as coisas todas, eu me lembro da... Agora, por exemplo, eu recém participei de uma homenagem em Novo Hamburgo, na escola normal: as alunas formaram 50 anos e festejaram 50 anos de formatura, pediram que eu fosse, participei, fui lá, e eu era a única professora viva ainda delas, então foi aquela... Lindo, sempre. Tanto na Escola como nas aulas, nos colégios particulares que eu trabalhei - meu marido também trabalhou muito - eu sempre fui muito dedicada ao meu aluno, eu participava. Os meus alunos, por exemplo, principalmente meus alunos que fizeram a parte de estágio comigo, todos eles chegavam: “Dona Olga, como é isso?” Eles participavam muito, participei muito, eu abria a minha casa, a biblioteca, eles poderia participar. Agora, a minha biblioteca já está lá na Escola, já está tudo lá, já pertence tudo a Escola, meu e do meu marido não tem nada mais.

K.D. – A senhora lembra do diretório acadêmico?

O.E. – Lembro do diretório acadêmico, deixe eu ver quem era o presidente... Uma vez era um militar, eu não me lembro, posso lembrar do nome, até que foi marido da Diva Santiago, como é que era o nome dele, não me lembro. Lembro do centro acadêmico, era muito ativo, quem participava muito do centro acadêmico, que era antiquíssimo era o

professor Escobar⁴², não lembro o primeiro nome dele, era o professor Escobar, o professor de basquete, também era um militar e ele participava muito. Outro professor que participava era o professor de voleibol, como era o nome dele...

G.F. – Zadir Martins⁴³?

O.E. – Zadir! Foi o primeiro, depois, meu colega, era o... Meu Deus do céu, esta parte eu estou esquecida! Tinha quem participava também era o... Como era o nome destes professores acadêmicos, eu me lembro do Escobar... Quem participava muito deste centro acadêmico era Gaelzer. Quem mais, quero ver... Não, estas eu não me lembro, não vou citar nomes agora porque eu não estou lembrando, parece que eu estou vendo eles assim, mas eu esqueci o nome.

K.D. – Porque durante o período da ditadura, os centro acadêmicos sofreram algumas restrições...

O.E. – Sofreram muitas alterações, eles tinham que, por exemplo... Eu me lembro que o Escobar era militar, ele fazia as reuniões com os alunos lá na Escola de Educação Física e ia para a parte do governo nas reuniões do governo. Tinha alterações até de, de como é que eu vou te dizer, de movimentos. Eu me lembro que tinha um movimento, lê que eu me lembro, deixa eu me lembrar... Cita um fato que vocês se lembram principalmente quando havia troca de governo, por exemplo, o governo Médici⁴⁴ cujo o... Ele era de Bagé⁴⁵, foi muito carrasco principalmente com os militares, para os estudantes que eram revoltosos. Agora, o Geisel⁴⁶, era melhor, isso eu me lembro, o Geisel não tinha, o Médici tinha, ele era muito carrasco, já o Geisel não, e, depois, o último que ficou era o, também militar era, este cavalheiro que eu não sei, estes nomes assim eu estou esquecendo. Que mais que tu quer?

K.D. – Algum fato no dia a dia da Escola, teve algum fato que a senhora...

⁴² Acely Stroher Escobar

⁴³ Professor de voleibol em 1939.

⁴⁴ Emílio Garrastazu Médici.

⁴⁵ Cidade do Estado do Rio Grande do Sul

⁴⁶ Ernesto Geisel.

O.E. – Tivemos greve, diversas greves, principalmente sobre que... Eu vou te dizer sobre o que eram as greves que eu me revoltei, eu era até uma professora revoltada porque eu nunca fui a favor da greve, até hoje não sou a favor da greve, eu acho que a greve não resolve nada, o que resolve é a comunicação, é a palestra, o desenvolvimento, esta parte toda, greve em si, para mim... Não sei, mas isso é uma opinião própria, específica minha eu participei das greves, nunca furei greve, não fiz isso. Uma vez que fizeram greve eu... Mas, sinceramente, não gostava, não gosto até hoje.

K.D. – A greve foi durante a ditadura?

O.E. – Foi durante a ditadura, diversas vezes, isso me lembro, fizemos greve, eu me lembro. Agora, o assunto principal, para te dizer o foco era aquilo, isso não me lembro, não estou lembrada.

K.D. – Mas estas questões... Ninguém, nenhum professor chegou a ser preso ou...

O.E. – Não, nenhum deles da Escola de Educação Física. Dos alunos eu não me lembro de nenhum ter sido preso, nenhum. Nunca houve assim lá, houve antes da ditadura. Mas isso foi muito antes de 40 até... Isso já não era nada disso, não... Lá esta parte não me lembro de 40 a 70, 80, não me lembro nada, de greve, isso não.

K.D. – Qual a importância da Escola para difundir o vôlei, por exemplo?

O.E. – Muita, eu tenho impressão, para mim, principalmente, porque a Escola de Educação Física me abriu esta oportunidade de ter um conhecimento profundo de voleibol, eu tirei cursos específicos de voleibol, com professores de... Uma vez vieram aqui diversos professores, dar cursos de específicos de voleibol. Em São Paulo⁴⁷, eu participei de diversos cursos. E, o voleibol, por exemplo, ele se ramificou, e eu também era treinadora de voleibol, de equipes de voleibol, da Ginástica de Novo Hamburgo, não sei se vocês... Eu fiz parte um ano, a Ginástica ficou campeã, eu era treinadora, consta meu nome, na... Eles fizeram um trabalho maravilhoso, da ginástica, sobre as atividades específicas da sociedade de um todo durante um diverso período e meu nome é citado lá, naquele

trabalho, como treinadora de voleibol da equipe da Ginástica, quer dizer, eu acho que ganhou um título antigo, que ela chegou a ser a ULBRA/Sociedade Ginástica⁴⁸ chegou um ano a ser campeã nacional e eu que fui até... Dei este início na Sociedade Ginástica, porque o voleibol da Sociedade Ginástica, quem iniciou, fui eu.

K.D. – A senhora competia no vôlei?

O.E. – Não, eu competia. Depois, na Sociedade Ginástica eu fui a treinadora das equipes.

K.D. – A senhora não foi atleta de voleibol, de jogar em equipes, participar de campeonatos...

O.E. – Só uma vez quando eu era da Escola de Educação Física fui em um campeonato nacional, mas eu ainda estava no Clube Farrapos, que nós fomos a Minas Gerais⁴⁹ disputar o campeonato nacional, mas eu era aí jogadora de voleibol, não era treinadora. Joguei na equipe, éramos quatro ou cinco do Farrapos, da Ginástica, uma seleçõzinha que fizeram aqui.

K.D. – Quais eram as equipes que existiam de voleibol feminino na época?

O.E. – Aqui tinha da ACM, que eu me lembro, da ACM, do Farrapos, da Ginástica, SOGIPA.

K.D. – Isso era década de quarenta?

O.E. – Não, não já era 40, 41, 42, por ali já tinha essas. Eu já participava... O Ginástica... Olha, o voleibol progrediu muito, para mim foi o que mais progrediu de todos os esportes. Depois, o basquete nunca pegou muito bem aqui no Rio Grande do Sul, nunca salientou o basquete, tinha equipes boas, mas, nunca salientou como o voleibol.

⁴⁷ Cidade Brasileira

⁴⁸ Equipe de Voleibol do Vale do Rio dos Sinos, no Rio Grande do Sul

⁴⁹ Estado Brasileiro

K.D. – O voleibol... Os registros é que ele tenha vindo a Porto Alegre pela ACM, por volta de 1918.

O.E. – Sim.

K.D. – Só que, o que se houve falar mais do voleibol, é da na década de quarenta, cinqüenta.

O.E. – É pela ACM, porque ele, em 1986, partiu lá dos Estados Unidos, com professor Morgan⁵⁰, é isso aí.

K.D. – E, então, a senhora competiu em que? No tênis, sim...

O.E. – Eu competi no tênis, no atletismo e no voleibol. No atletismo eu era atleta da SOGIPA, eu arremessei dardo, disco e peso. Isso era na SOGIPA, quando em 40 já comecei... O voleibol para mim surgiu principalmente a partir de 40, já jogava aquela coisa, mas que ele surgiu mesmo, foi a partir de 50, aí que ele surgiu, abriu.

K.D. – E, quais as oportunidades que as moças tinham para praticar esporte?

O.E. – Poucas, mas elas praticavam o esporte, principalmente, na sociedade alemã, como, por exemplo, a SOGIPA, o Leopoldina Juvenil. Principalmente, mais a elite, porque a outra parte não tinha, como é que eu vou te dizer, locais onde participar. Agora, na SOGIPA, já havia aquela ginástica para senhoras, já havia na Leopoldina Juvenil também, já havia aquela parte de recreação nos clubes. A ACM desenvolveu muito: ginástica, desportos, a parte toda da ACM é muito... Eram três sociedades principais que desenvolveram esta parte, por isso, que a maneira geral da participação do povo era pouca, pouco. Os outros, iam para clubes, era mais recreação. Agora, a SOGIPA, por exemplo, ela selecionava muito a parte de atletismo, ela tinha como o Rui⁵¹, aquele corredor, o Rui, eu não me lembro, que era da SOGIPA, um moreno, e, SOGIPA era parte alemã, mas tinha muitos morenos que participavam lá. E, na ACM também, os morenos participavam muito,

⁵⁰ William Morgan.

⁵¹ Nome sujeito à confirmação.

havia já essa inter-relação de raças, naquela época, e era muito mais cordial que hoje. Hoje é competitivo e, naquela época, havia mais cordialidade do que atualmente.

K.D. - Mas em esportes como atletismo...

O.E. – Esporte também... Porque, hoje em dia, por exemplo, há tanto no esporte coletivo, como no individual, há muitos interesses terceiros. Muito! A gente vê no jornal todo dia. Se vê no jornal todo o dia, eu acho que vocês também já começam a perceber, isso vocês como professores, futuros professores.

K.D. – A senhora lembra de alguma mulher negra que...

O.E. – Tive uma colega negra, não era bem negra, corredora... Faleceu cedo... Eu tinha negras na minha turma, diversas alunas negras, na Escola de Educação Física, elas foram muito ativas, como era o nome daquela professora, corredora, era minha colega em 40, como era o nome dela, maravilhosa... E, havia este intercâmbio, não tinha esta distância entre nós, éramos colegas mesmo.

K.D. – Porque, em maioria...

O.E. – A maioria era branca, predomina muito o branco, mas a parte...

K.D. – Predomina as famílias alemãs?

O.E. – É, e nas famílias alemãs... Porque, atualmente, já está bem mais generalizado, porque muitas, estas academias, estão levando muitas meninas. Hoje em dia, se fala em academia, como é que se diz, malhação o dia inteiro... Ontem, na repórter, entre as beldades de diversas concorrentes: Como é que tu estas te mantendo, teu corpo? – Fico na academia quatro horas... É só nisso que está! [riso] Não é isso?

K.D. – Infelizmente é. [riso].

O.E. – Ontem, eu assisti umas entrevistas com as meninas, então, estava isso aí: Eu faço malhação, eu tenho a minha professora, a nutricionista particular. Hoje em dia, é isso, estas beldades que concorrem nestes concursos de praia, concurso disto, daquilo, estas beldades atuais, estas mocinhas, é isso: academia e nada mais, vê se elas vão em clubes?!

K.D. – Mas os padrões de corpo mudaram muito.

O.E. – É, muito. E mudou muito a maneira de ser atual, a vida, por exemplo, hoje em dia, está... Para uma família é completa... Por exemplo: um pai não tem mais uma autoridade sobre a moça, se ele quer que ela seja uma coisa e ela quer ser outra, ela não respeita pai nem mãe, vai fazer o que ela quer. Isso eu vi na minha família e eu acho que é generalizado... [riso] Esta parte a gente vê! Hoje em dia, não dá mais para comentar de família. Ontem, falando com uma irmã minha eu disse: “Olha, tinha - o sobrenome dela, nome querido - Olha gatinha, vamos ficar quietas que tu não podes falar da família tal ou de tal porque a tua é igual!” Ela chegou e disse: “Infelizmente é isso! É igual, mudou tanto, tanto, que nós velhotas, ficamos assim apavoradas, mas tem que aceitar, o que eu vou fazer?” Tem que aceitar, chegou uma sobrinha minha: “Tia Olguinha o que eu vou fazer”... Minha filha é assim, assado, esta minha filha aí, não sei. - Tu educaste? – Eu eduquei igual ao outro, como é que um saiu assim e o outro saiu assado? Eu disse: Eu não sei, eu não sei! Como é que a gente vai saber, são coisas da vida. Tudo está mudando, hoje em dia, filha, hoje está mudando tudo, um conceito que a anos atrás era muito valorizado, atualmente, ele perdeu este valor, quase cem por cento, quer dizer que, então, a gente não pode, como é que eu vou te dizer...

[FINAL DA FITA 50/01- B]

O.E. - Nem sabia que havia um campeonato brasileiro de natação, eu não sou de natação, mas em todo caso, eu estava lá, o Túlio⁵² me viu, estava uma polêmica muito grande quanto a parte dos atletas participarem do campeonato, havia aquela polêmica quanto a idade e o peso dos alunos para participarem de diversas categoria. Então, participou: Minas, Rio Grande, São Paulo, Rio, havia quantidade de delegações lá no Pacaembu⁵³ e

⁵² Túlio de Rose, jornalista esportivo

⁵³ Estádio de esportes, inaugurado em 1940 em São Paulo.

Túlio me viu e disse: “Olguinha, vem cá eu preciso de ti, eu disse, mas para que, eu estou passeando, eu estou em férias”. Eu disse: “Não senhor! Tu vais ser hoje o juiz responsável do peso de todos os participantes da competição!” – Eu disse: “Túlio que é isso?” – Eu disse: “Mas Túlio, o que é isso, eu não sou de natação!” – “Mas tu vais participar porque tu és muito correta” - eles todos aceitaram - só que havia aquela polêmica muito grande e eu disse: “Eu tenho uma colega que está aqui presente, está lá”. Eu estava lá, no canto, e foram lá, me chamaram, botaram todas as federações e eu fiquei lá das dez da manhã às cinco da tarde participando de toda aquela parte, fui eu a responsável por toda competição.

K.D. – O Túlio foi um grande incentivador do esporte.

O.E. – Foi um grande incentivador. Ele me trouxe um prêmio da federação paulista que eu fui receber - eu estou com as fotografias aí - na Federação Gaúcha de Arbitragem, saiu fotografia no jornal, aquela coisa toda, minha participação neste campeonato lá em São Paulo.

K.D. – O Túlio tinha ligação com os Jogos Abertos Femininos?

O.E. – Tinha. Ele era um grande incentivador, ele participava muito, eu gostei muito do... Ele, por exemplo, atualmente, quem poderia ser comparado ao Túlio? Não sei, atualmente o presidente da Federação de Voleibol, o nome dele, ele faz parte do... Este foi muito incentivador, não posso me lembrar o nome dele, foi meu colega, presidente da federação de voleibol, estou vendo ele, alto, magro, de bigode. Eu acho que eu tenho aqui o nome dele.

K.D. – Presidente atual?

O.E. – É atual, tu não sabes tu não te lembras dele?

K.D. – Eu não me lembro, mas depois eu posso...

O.E. – É o presidente atual da federação gaúcha de voleibol, este, para mim, tem sido, por exemplo, um grande incentivador dos desportos. Outro, por exemplo, eu não preciso nem

citar, por que eu aqui faço parte do Panatlon⁵⁴... Eu sempre fui a secretária, mas como agora eu estou muito impossibilitada de participar de tudo, porque eu sempre estou com médicos e esta coisa toda, então, eu estou parte do conselho arbitral. Não tenho nada, mas eu fui procurar o nome para ver se eu achava aqui, não está aqui.

K.D. – Eu também não lembro.

O.E. – Não me lembro, agora o nome dele é... Não tenho agora, não sei, eu pensei que eu tivesse, e não tenho nada. Não posso me lembrar, mas o de voleibol... Só da federação dos seis...

K.D. – O voleibol... [toca o telefone] Na tua época...

[INTERRUPÇÃO DE FITA]

K.D. - Eu queria saber um pouquinho mais específico ao voleibol feminino, tinha bastante moças que praticavam quando a senhora jogava?

O.E. – Sim, tinham bastante moças. Como eu te contei, naquela época, eu estava dando a educação física para a Universidade, chegava a ter cinco, seis, sete grupos para praticar o voleibol. Já naquela época, os universitários praticavam bastante voleibol, principalmente, as turmas universitárias, que tinham que praticar educação física, tinham preferência pelo voleibol.

K.D. – Eu vejo que as moças se identificavam bastante com o voleibol!

O.E. – Gostavam, todas elas gostavam e praticavam bem. Por exemplo, eu dava uma introdução, uma sessão preparatória! Elas gostavam, faziam bastante exercícios, uma meia hora antes e, depois, eu fazia mais meia hora para jogar voleibol. Participavam muito, gostavam, torciam e jogavam mesmo com vontade, não estavam lá por obrigação, elas não participavam por obrigação, participavam porque gostavam: Eu vou também! Será que está

⁵⁴ Entidade que congrega esportistas.

tudo cheio hoje? Diz uma: Eu vou participar deste grupo, depois deste... Participando com vontade...

K.D. – A senhora vê algum motivo para este apego das moças?

O.E. – Não, até porque eu tenho impressão que este motivo principal era o coleguismo, a camaradagem, o intercâmbio entre elas, esse era o motivo, era uma recreação que elas faziam comigo. Então, elas diziam: Ah, vamos deixar os estudos, vamos jogar. Elas gostavam muito, porque lá na sociedade, eu dava na SOGIPA, elas saiam dali podiam tomar um bom banho, se refrescar, participar e jogar. A maioria delas, da Escola de Educação Física, já pertenciam a clubes, elas iam jogar voleibol, como eu disse, voleibol, não era basquete.

K.D. – Elas participavam de clubes e competiam...

O.E. – Com voleibol, tinha um clube de senhoras de terceira idade, de trinta a tantos anos até cinquenta. Por exemplo, a Diva Santiago - era professora - participa até hoje. A Lígia Junqueira também foi para a Inglaterra, para Itália, mas todas elas fazem parte, até hoje, de clubes, de grupos que vão em clubes participar do jogo de voleibol.

K.D. – Tinha jogos universitários estaduais também?

O.E. – Tinha estaduais, principalmente... Nós, por exemplo, competimos com o IPA⁵⁵, tinha a escola do Rio Grande⁵⁶ de Educação Física e parece que de Santa Cruz⁵⁷, eu não me lembro se Uruguaiana⁵⁸ também, isso não me lembro. E nós participávamos muito de competições, quase umas três vezes por ano, com o IPA havia um intercambio muito grande entre as faculdades.

K.D. – E entre as cidades, Porto Alegre realmente concentrava o vôlei mais forte?

⁵⁵ Instituto Porto Alegre, Rede Metodista de Educação do Sul

⁵⁶ Cidade do Estado do Rio Grande do Sul

⁵⁷ Cidade do Estado do Rio Grande do Sul

⁵⁸ Cidade do Estado do Rio Grande do Sul

O.E. – É, é verdade, agora Novo Hamburgo tinha uma boa concentração de voleibol, Santa Maria⁵⁹ tinha, Caxias⁶⁰ tinha, Bento⁶¹ já tinha também, já havia. Isso expandiu, depois... O voleibol surgiu, depois foi embora... De 50 em diante ele subiu muito, o voleibol foi um dos esportes que mais explodiu.

K.D. – Bom, eu acredito que eu tenha perguntado mais do que eu deveria [risos].

O.E. – Não, absolutamente. Com todo o prazer.

K.D. – Eu gostaria de agradecer a senhora, pelo depoimento e poder contar com o apoio para, de repente, daqui um tempo, fazer uma nova entrevista, ou conversarmos novamente...

O.E. – Eu não sei... Dentro desta capacidade que eu tenho, com todo o prazer, está!

K.D. – Então, muito obrigada.

O.E. – De nada, as ordens.

[INTERRUPÇÃO DE FITA]

K.D. – A parte médica sobre a proibição do Decreto Lei⁶²...

O.E. – Geralmente, os médicos que falavam disso, que a natureza da mulher não permitia, por exemplo... Era muito prejudicial para a mulher receber bola no peito, o futebol de salão também, a parte de jogar futebol, a mulher não tinha sido preparada para isso. Era o problema a bola, o outro problema eram as lutas, era a mulher... Eles achavam que não poderia ter lutas, porque a mulher tinha sido preparada para, naquela época, em 41, ser mãe. Porque ela iria lutar, por exemplo, para lutar ela precisaria fazer muitos exercícios para ter tonicidade eficiente. Então isso, na... Os médicos achavam horrível porque a

⁵⁹ Cidade do Estado do Rio Grande do Sul

⁶⁰ Caxias do Sul, cidade do Estado do Rio Grande do Sul

⁶¹ Bento Gonçalves, cidade do Estado do Rio Grande do Sul

⁶² Decreto-Lei n.º 3199, do Conselho Nacional de Desportos, de 14 de abril de 1941.

mulher iria se deformar para lutar. Quer dizer, não foi tanto a proibição por proibir, é porque achavam que isso não estava de acordo com o corpo da mulher, que era preparada para outra função. Por isso, futebol de praia, pólo, halterofilismo, tudo isso, está baseado no médico, a base... E este basebol é o basquete mesmo, e tem o basebol, um outro esporte que a bola é menor. Então, isso prejudica muito a mulher, prejudicava, atualmente, já está abolido, mas, naquela época, se falava muito sobre isso.

K.D. – E, o dia a dia da Escola de Educação Física?

O.E. – Não, quando eu comecei a trabalhar... Por isso que certas matérias já eram específicas masculino e específicas feminina. Isso, já na Escola de Educação Física de 41 em diante. Depois, deste decreto, que foram mudando todos os programas.

K.D. – A senhora lembra de alguma específica masculina?

O.E. – A específica masculina era o futebol, a mulher não aprendia futebol. Na minha época, não aprendia.

G.F. – O vôlei era só feminino? Ou era masculino também?

O.E. – Feminino e masculino, mas o futebol era só masculino, o pólo, estas coisa todas era só masculino. Não tinha, naquela época, de 41 até 50 não tinha, depois que mudou.

K.D. – E o que era só feminino?

O.E. – Só feminino, como é que eu vou te dizer, não eram estas cadeiras aqui.

K.D. – Mas, tinha alguma coisa que as meninas tinham e que os meninos não tinham?

O.E. – Tinha o futebol, as meninas não tinham. As mulheres não tinham pólo aquático... Eu tinha remo em 40. Em 40, nós praticávamos na lagoa, aqui na... Mas, o remo tinha, já o outro pólo não tinha, aquele outro, o futebol de praia, não tinha naquela época,

halterofilismo não tinha para mulher. Ela tinha ginástica. Ginástica de aparelhos, mas não tinha o halterofilismo, é!

K.D. – Mas, a repercussão do Decreto Lei, ela não se deu necessariamente por lei se deu pela questão dos médicos, do discurso médico?

O.E. – Mais por questões médicas que, por exemplo, devido a este Decreto eu tenho a impressão - isto não sei bem - devido a este decreto aqui de 1941, todas estas atividades, de fato, elas não tinham atividades específicas. Naqueles anos, a mulher não participava, principalmente, não sei se era por causa do decreto ou se era só a conselho médico, isso não estava bem estabelecido. Basta dizer que, depois, foi automaticamente abolido, com o passar do tempo. Muita coisa, já como eu te disse, tanta coisa mudou.

K.D. – E a senhora conheceu alguma mulher que praticava alguma destas modalidades, durante este período?

O.E. – Futebol. Naquela época, alguém praticava futebol que eu me lembro... Recreação sim, a gente praticava, brincava lá na Escola: “vamos jogar, eu sou o goleiro, tu isso e aquilo”, isso houve. Futsal, o jogo de futsal é perigoso, este é pior de todos, eu acho que este é, até hoje... Eu não tenho visto competições de futsal de mulher. Vocês tem visto? Eu não tenho.

G.F. – Tem.

K.D. – Tem.

O.E. – Eu não tenho visto. As lutas tenho, esta eu já tenho visto, conheci umas lutas até! Futebol de praia tenho visto como recreação, mas não como... Futebol, pólo, também tenho visto como recreação. Porque, até os atletas, tem muito artista, tem cavalos maravilhosos, todas estão praticando pólo, que é um taco mais a bola, né! Toda esta história de bola, estas coisas eram muito prejudiciais. Muito medo. Os médicos sempre diziam que, até o próprio voleibol, quando começou a manchete foi por causa da batoca no seio.

G.F. – Mas, na sua opinião, a senhora acredita que estes riscos que os médicos colocavam fazem sentido?

O.E. – Eu acho, porque bater *aqui*, pode dar câncer de mama! Mas o câncer de mama não provém só da batida.

G.F. – Sim, mas a senhora acha que estes riscos médicos são significativos para as mulheres não praticarem estes esportes?

O.E. – Olha, eu não sei, eu estou meio na dúvida. Eu estou bem em dúvida, porque eu acho que a doença não é provocada só por causa desse esporte, na minha opinião, ela não é provocada só por causa... Tem tantas outras circunstâncias que ela é praticada, que não é só por isso, mas pode também ser, como, por exemplo, a bebida, o cigarro, que dá câncer na garganta. Todos os médicos proíbem o fumo, proíbem a bebida, proíbem tanta coisa, tanto feminino como masculino, que dá uma doença... Meu marido foi um, teve câncer na garganta, cigarro. Então, são estas coisinhas assim que eu estou levando em consideração, não é que seja uma coisa específica proibida, mas uma orientação.

K.D. – A repercussão do Decreto Lei, eu fiquei um pouco em dúvida. Em entrevistas com outras senhoras, que foram atletas, a grande maioria, não conhecia esta proibição, sabiam que era uma coisa...

O.E. – Não, eu sabia, isso eu sabia. Eu tinha conhecimento disso, mas não sei como... Acho que eu fiquei sabendo disse pelo meu marido, comentando com ele.

K.D. – Elas me disseram que não praticavam porque não gostavam, porque não era bem visto para mulher praticar estas modalidades, mas não sabiam que existia uma lei específica para isso.

O.E. – Bom, desta lei, eu sabia, por isso, quando tu começaste, eu logo me lembrei.

K.D. – Agradeço de novo!

O.E. – Está!

[FINAL DO DEPOIMENTO]